

DOS GRAMADOS PARA A QUADRA, da quadra para a sala de aula

CONHEÇA A HISTÓRIA DE RENATO LEITE, ATLETA PARALÍMPICO DO VÔLEI SENTADO QUE BUSCOU NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA A BAGAGEM TEÓRICA PARA PROPAGAR O MOVIMENTO OLÍMPICO



Renato Leite em ação nas quadras

"Numa conversão, eu e um carro desviamos para o mesmo lado. Resultado: fratura exposta na perna, artéria atingida, risco de vida"

Muito mais que atletas de alto desempenho, hoje os esportistas têm buscado na formação superior a oportunidade de permanecerem inseridos no mercado de trabalho quando a carreira no esporte chegar ao fim. Renato Leite [CREF 056500-G/SP], atleta paralímpico e Profissional de Educação Física, faz parte do time que buscou se especializar para permanecer no meio esportivo.

O atleta que sonhava se tornar jogador de Futebol profissional, viu a sua vida mudar completamente após um acidente de trânsito em 2002. A sua história com o esporte poderia ter encerrado naquele momento, mas ele almejava mais e, um ano após o acidente, ele passava a integrar a seleção brasileira de Vôlei Sentado. Exemplo de garra e determinação, o atleta conta em entrevista à Revista Educação Física, como a graduação pretende realizar mais um sonho na sua carreira, o de propagar o Movimento Paralímpico pelo país.



"Muitas pessoas achavam que era o fim, mas foi o recomeço, pois eu fui reabilitado através do esporte e do "Movimento Paralímpico". Por isso, continuei acreditando no meu sonho de representar o nosso país em competições."

Renato Leite, atleta paralímpico do Vôlei Sentado

Revista EDUCAÇÃO FÍSICA - O esporte sempre esteve presente na sua vida, certo? Como e quando se deu a sua entrada no Vôlei Sentado?

Renato Leite - Aos 18 anos eu queria ser jogador de Futebol. Treinava na várzea paulista e vinha fazendo inúmeros testes, num ambiente extremamente competitivo. Eu comecei a trabalhar cedo como empacotador num supermercado e estava me preparando para mais um teste promissor quando resolvi comprar uma moto, pois viver como atleta no Brasil é muito difícil. Então eu conciliava as jornadas e entregava quentinhas para sobreviver. Numa conversão, eu e um carro desviamos para o mesmo lado. Resultado: fratura exposta na perna, artéria atingida, risco de vida.

Muitas pessoas achavam que era o fim, mas foi o recomeço, pois eu fui reabilitado através do esporte e do "Movimento Paralímpico". Por isso, continuei acreditando no meu sonho de representar o nosso país em competições.

Primeiramente tentei o atletismo, mas não obtive bons resultados, pois precisava de uma prótese de última geração que custava cerca de 40 mil reais. Foi no final de 2002 que o professor Ronaldo de Oliveira [CREF 011843-G/SP] trouxe o Vôlei paralímpico para o Brasil e eu enxerguei como uma grande oportunidade, pois jogava Vôlei em âmbito escolar e não precisava de material para que eu pudesse alcançar bons resultados. Eu precisava somente de comprometimento na melhora física e tática.

Revista EDUCAÇÃO FÍSICA - Por que o senhor escolheu a graduação em Educação Física?

Renato Leite - Para me tornar um propagador do Movimento Paralímpico com uma bagagem teórica e também por me espelhar nos professores que me ensinaram.

Revista EDUCAÇÃO FÍSICA - O senhor acredita que a graduação contribuiu com a carreira de atleta (e vice-versa)?

Renato Leite - Com certeza. Tenho uma visão bem diferente dos demais jogadores, fazemos uma troca com a equipe técnica e dou minha opinião com mais propriedade após a graduação.

Revista EDUCAÇÃO FÍSICA - O senhor também fez uma pós-graduação. Pretende continuar se especializando?

Renato Leite - Sim. Fiz uma pós-graduação em Atividade Física Adaptada e fui em busca de mais conhecimentos para poder propagar o Movimento Paralímpico. Agora eu pretendo fazer uma MBA em Gestão de Projetos.

Revista EDUCAÇÃO FÍSICA - Além da carreira de atleta, de que maneira o senhor pretende atuar com a Educação Física?

Renato Leite - Atualmente já atuo como coordenador de esporte em um projeto social de Vôlei Sentado. Lá trabalhamos em duas vertentes. A primeira é a equipe A, de alto rendimento, que está entre as três melhores do Brasil. A outra é a equipe B, onde usamos o esporte paralímpico como ferramenta de inclusão e reabilitação, detectando novos talentos no paradesporto.

Revista EDUCAÇÃO FÍSICA - Quais são seus planos junto à seleção de Vôlei Sentado nos próximos anos?

Renato Leite - Quero jogar os Jogos Paralímpicos de Tokio 2020 e em um futuro próximo me tornar um grande dirigente do Movimento Paralímpico pelo qual sou extremamente apaixonado.